

 **Apresentação****Foreword**Marco Schneider^{a,*} Gustavo Saldanha^{a,*} 

A infodemia que nos assola é o reverso das promessas de inteligência coletiva do ciberespaço. É um efeito colateral perverso, nem sempre inconsciente, turbinado por algoritmos, da identificação primária entre utilitarismo, livre arbítrio, individualismo exacerbado, liberdade corporativa, liberdade de expressão e liberdade efetiva, de vivermos juntos, com saúde, trabalho, conforto, cultura e paz. Como se isso fosse possível em ambientes sem regulação democrática, popular e qualificada, controlados e vigiados pelo capital em um grau de concentração sem precedentes, concentração essa ultimamente capitaneada por suas encarnações tecnológicas informacionais e meta informacionais de ponta, que habitam o norte global, mas atuam praticamente no mundo inteiro.

A infodemia é também causa e efeito de uma versão decadente, simultaneamente trágica e farsesca, da dúvida sistemática cartesiana – sadia desconfiância, fundante da ciência moderna, em relação ao discurso de autoridade – e da boa crítica social à tecnocracia e à subordinação da ciência ao mercado, vulgarizadas em um paradoxal ceticismo dogmático neocibersacrotribal, capitaneado por pseudo autoridades epistêmicas e teológicas oportunistas com ambições teocráticas.


O espírito do mundo se vinga pelo fato da cultura científica, do pensamento crítico e dos estudos sociais da ciência não terem se tornado de conhecimento comum, efetivamente acessíveis a todos. Essa lacuna excreta pós-verdade, anti-ciência, terraplanismo, negacionismos, fé cega, faca amolada, lázaros, genocídio.

A noção de infodemia sugere a propagação de informação daninha, que direta ou indiretamente faz mal à saúde física e mental de quem a consome, na escala de populações inteiras. Refere-se, portanto, a modulações contemporâneas gargantuescas de antigos fenômenos desinformacionais, como calúnia, difamação, alienação, mistificação, engodo, trapaça. O próprio termo já é uma denúncia ética.

Numa primeira mirada, a novidade da noção reside na velocidade, alcance e capilaridade das práticas infodêmicas em curso, possibilitadas pelo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação nas últimas décadas, aliado à estratégia neoliberal de manipulação e controle de dados via softwares. Tem-se aí um debate via filosofia da técnica. Uma segunda mirada, contudo, chama a atenção para a dimensão não apenas ética e técnica, mas econômica e política dessas mediações sociotécnicas, inclusive com implicações geopolíticas e ecológicas de alcance global, dado o acúmulo de revelações alarmantes sobre seus usos em disputas decisivas de poder ao redor do mundo. São disputas corporativas, políticas ou ambas as coisas conjugadas.

^a Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

* Correspondência para/Correspondence to: Marco Schneider e Gustavo Saldanha. Endereço: Rua Lauro Muller, 455 – 4º andar – CEP 22290-160, Botafogo, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. E-mail: liinc@ibict.br.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

A noção de infodemia, não obstante, ainda não granjeou o status de um conceito acadêmico, do mesmo modo que noções avizinhas, como pós-verdade e fake news. Talvez, no futuro, se futuro houver, seja(m) lembrada(s) como um modismo, que fez sucesso na época e só. Ou, pelo contrário, consagre(m)-se como conceito(s) explicativo(s) de um conjunto de fenômenos cujo ineditismo e singularidade não são superficiais.

Com base nas considerações precedentes, este dossiê da Liinc em Revista convocou pesquisadores da Ciência da Informação e áreas afins a apresentarem resultados de pesquisa teórica e aplicada sobre Epidemia informacional, Desinformação no espectro político das bolhas digitais, Dialética da inteligência artificial, Anticiência, Pseudo autoridades cognitivas, Agnotologia, Construção corporativa da desinformação, Mimese e credibilidade, Ódio e teratologia digital, Metadados e vigilância, Algoritmos racistas, Saúde e redes, Intimidade, privacidade e liberdade civil, Vulnerabilidade digital, Cibernética e psicanálise, Obscurantismo, Negacionismo, Epistemicídios infodêmicos. E obteve excelentes respostas.

No âmbito da educação parainfopandêmica, encontramos as pesquisas “Competência em Informação na Educação Profissional: avaliação de estudantes de um curso técnico integrado ao Ensino Médio”, de Carlos Robson Souza da Silva, Thiciane Mary Carvalho Teixeira; “Retratações e citações pós-retratação na infodemia de COVID-19: a Academia está espalhando desinformação?”, de Karen Santos-d'Amorim, Rinaldo Ribeiro de Melo, Raimundo Nonato Macedo dos Santos; “A desinformação como pilar da intersecção entre letramento informacional e tratamento temático da informação”, de Lais Pereira de Oliveira, Maria Aparecida Rodrigues de Souza; e “O nascimento do saber infodemiológico: A ciência da gestão de infodemias”, de André Arias; junto de “Narrativas ‘historiográfico-midiáticas’ na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o Revisionismo”, de André Bonsanto.

No plano das tecnologias em rede, reconhecendo a atual infodemia como fenômeno numeratizado nas plataformas computadorizadas interconectadas pela materialidade dos cabos mundiais, encontramos “Polinização, Abelhas-robô e a neutralidade da tecnologia”, de Denis Marcio Rodrigues Junior, José Bento Souza Vasconcellos dos Santos, Daniele Ornaghi Sant’Anna; “Disputas narrativas e legitimação: análise dos argumentos de Bolsonaro sobre vacinação contra Covid-19 no Twitter”, de Ana Carolina Pontalti Monari, Kizi Mendonça de Araújo, Mateus Ramos de Souza, Igor Sacramento; “A web brasileira na Covid-19: arquivamento da web e preservação digital”, de Moisés Rockembach; “Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19”, de Luisa Medeiros Massarani, Tatiane Leal, Igor Waltz, Amanda Medeiros; “Do rastreamento de contato à vigilância: um estudo sobre o TraceTogether App”, de Sergio Marcos Carvalho de Ávila Negri, Nathan Paschoalini Ribeiro Batista; e “Juventude e trauma geracional: como os jovens brasileiros respondem à pandemia e à infodemia da Covid-19”, de Carla Baiense Felix, Victor do Nascimento Rocha, Patrícia Fernandes Viana Franco de Castro, Larissa de Moraes Ribeiro Mendes, Helen Pinto de Britto Fontes.

No coração da política como foco estratégico do mal infodêmico, temos as pesquisas “Infodemia no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil: uma política de contaminação?”, de Lilian Sagio Cezar, Anderson Jamar Neves Maciel; “Alusão ao nazismo em mensagem do governo federal: um estudo a partir da economia dos sinais e da ecologia da comunicação”, de Agnes de Sousa Arruda, Tadeu Rodrigues Luama; “As aparências enganam: heurísticas, estereótipos e espetacularização no processo de visibilidade midiática”, de Ary Azevedo; “A reinfosfera na pandemia do novo coronavírus: infodemia, fake news e sociabilidade perversa”, de Renata Rezende Ribeiro, José Antonio Martinuzzo; “Reflexões sobre as atuações do bibliotecário e jornalista como agentes facilitadores na construção de saberes no combate à desinformação”, de Laura Vilela Rodrigues Rezende, Sonia Aguiar Cruz-Riascos, Geisa Müller de Campos Ribeiro; “Sociedade de Plataformas e os desafios para a Comunicação Pública: o caso OBCOMP”, de Bruno Kegler, Ana Javes Andrade da Luz, Rejane de Oliveira Pozobon; “A ‘infodemia’ e a conquista do Estado brasileiro: da Ditadura empresarial-militar ao consenso

neoliberal”, de Bianca Rihan, José Raphael Sette; e “O direito fundamental à proteção de dados e o poder público: o caso do programa alagoano Nota Fiscal Cidadã”, de Ricardo Schneider Rodrigues, Larissa Nunes de Melo Azevedo, Larissa de Oliveira Félix Rodrigues Pereira; bem como “Pandemia, desinformação e discurso autoritário: os sentidos das declarações de Jair Bolsonaro no Twitter a partir de checagens do Aos Fatos”, de Taís Seibt, Murilo Dannenberg.

No plano da reescrita do real na era infodêmica e das práticas de organização do conhecimento em rede, o dossiê nos traz as pesquisas “Práticas informacionais em ambientes de infodemias: Reflexões para o estudo de patologias informacionais”, de Eliany Alvarenga de Araújo; “O ethos wikipedista como modo de combate à desinformação”, de Pedro Rodrigues Costa; “Reconfiguração das práticas de edição de textualidades em ambiente digital a partir de mediações algorítmicas”, de Luana Teixeira de Souza Cruz; “Folksonomias e pós-verdade: desafios para a organização do conhecimento”, de Juliana Assis; “A morte editorializada: morrer, verbo intransitivo – discursos e referenciais sociais na imprensa brasileira”, de João Batista de Abreu.

O dossiê navega na trilha difícil e arriscada do solo infodêmico: entre desinformação e janelas possíveis, as pesquisas apontam para o panorama crítico em seu traço do mal e, igualmente, alertam para potências ainda vivas na linha frágil do horizonte de nosso futuro.

Além dos artigos, integram este número dois relatos: “A Educação em Ciências e Saúde e o enfrentamento à desinfodemia: um relato de experiências críticas no ensino online”, de Juliana Dias Rovari Cordeiro, Alexandre Brasil Fonseca, Luciana Rodrigues Lessa, Aline Guarany Ignacio Lima, Myrta Nobile; e *last but not least*, “Liinc em Revista: breve relato de uma trajetória”, de Sarita Albagli.